

A Interpretação Hoje

Marcus do Rio Teixeira

“O Senhor [Apolo] de quem é o oráculo em Delfos, não revela nem oculta, mas sinaliza.”

Heráclito

A escolha do título já explicita uma opinião acerca da interpretação, segundo a qual esta teria sofrido mudanças ao longo do tempo, não sendo mais praticada hoje da mesma forma que nos primeiros anos da psicanálise. Tais mudanças seriam decorrentes da própria história do movimento psicanalítico, das diferentes concepções teóricas e abordagens clínicas. Se essa opinião é correta, quais seriam essas mudanças e quais as suas implicações? Para os seguidores do ensino de Lacan elas concernem principalmente um deslocamento do foco da interpretação, que na sua origem incidiria sobre o sentido, para uma forma de intervenção que privilegia o significante e o *non-sens*.

Comumente se considera a interpretação clássica, cujo paradigma seria a intervenção freudiana, como recurso a uma simbologia dita universal ou revelação de um conteúdo inconsciente, geralmente sob a forma de uma explicação. Tal concepção se apóia em exemplos e definições do próprio Freud mas, sobretudo, da sua própria concepção do inconsciente e das suas formações. Afinal, se o sonho, tal como se apresenta ao sonhador, é a forma manifesta - censurada e deformada - de um conteúdo latente, a interpretação só pode ser uma revelação de tal conteúdo, um movimento no sentido de trazê-lo à tona. O que diz respeito à interpretação dos sonhos vale igualmente para outras formações do inconsciente, o sintoma inclusive.

É verdade que nos primórdios da psicanálise, quando esta ainda não possuía a difusão cultural que teria posteriormente, Freud praticava intervenções de caráter explicativo, impensáveis para seus seguidores já no século 20. Porém, o próprio Lacan lembra que a ênfase no simbolismo universal vem na verdade de Ernest Jones. Não é preciso avançar muito na leitura de *A Interpretação dos Sonhos (1900)* para encontrar a diferença que o seu autor estabelece entre o seu método e qualquer recurso a uma chave interpretativa: a associação livre do sonhador como única via de acesso ao conteúdo latente do sonho. Quanto ao seu estilo de intervenção, pretender que este fosse meramente explicativo seria desconhecer de onde Lacan retirou sua concepção do significante.

Tomemos apenas dois exemplos, o primeiro extraído do artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911)*:

“Um homem, que cuidou de seu pai numa prolongada e penosa doença mortal, conta que nos meses seguintes ao falecimento sonhou repetidas vezes que o pai vivia novamente e falava com ele como antes; mas ao mesmo tempo lhe doía muito que o pai já tivesse morrido e apenas não o soubesse.” Freud nos diz que a chave para a compreensão desse sonho que soa absurdo é a inclusão da frase “conforme o desejo do sonhador”, que teria sido elidida, após “que o pai já tivesse morrido”. E conclui: “O pensamento onírico é então o seguinte: é para ele uma lembrança dolorosa ter tido que desejar a morte do pai (como liberação) enquanto ele ainda vivia, e como seria terrível se ele tivesse suspeitado disso.”

Lacan comenta extensamente esse sonho no seu *Seminário 6, O desejo e sua interpretação (1958-1959)*. O que nos interessa frisar é que para Freud o sonho é antes de tudo o seu relato, aqui explicitado sob a forma de um texto do qual um fragmento foi omitido. É a reinserção desse trecho elidido no texto do sonho que restitui o seu sentido, inclusive situando o afeto desagradável que acompanha inexplicavelmente o retorno do pai ao mundo dos vivos. Se esse exemplo ainda parece remeter à revelação de um sentido, algo distante de uma abordagem contemporânea, tomemos outro. É em *Construções em análise (1937)*, artigo no qual preconiza um tipo de intervenção do analista mais próxima de uma *síntese* do que de uma *análise*, que ele nos fornece de passagem um precioso exemplo de interpretação, na verdade extraído de uma obra bem mais antiga, *A psicopatologia da vida cotidiana (1901)*.

Seu analisante relata sonhos nos quais se repete a palavra *Jauner*, um sobrenome relativamente comum. O próprio analisante conhece um Sr. Jauner, mas as associações não vão adiante por essa via. Freud então trata a palavra como um lapso e propõe ao seu analisante que ele poderia querer dizer *Gauner* (velhaco, vigarista). Ao que este responde que se trata de algo exagerado (*genhardt*) da parte do analista. Porém ao fazer esse comentário troca o “G” pelo “J” e diz *jenhardt*, palavra sem sentido, produzindo o que Freud chama de um lapso de confirmação.

Freud, portanto, não toma *Jauner* na vertente do significado (o sobrenome de um conhecido do sonhador), mas na vertente do significante, realizando uma operação de substituição do fonema “J” por “G”, o que produz um efeito de sentido. Como ele não se estende acerca das associações posteriores, não sabemos aonde esse efeito conduziu. Porém o lapso de confirmação do seu analisante demonstra que a sua intervenção foi na direção certa. Se essa interpretação de Freud soa “lacaniana” para ouvidos contemporâneos é obviamente por ser proveniente da fonte onde Lacan foi buscar seu significante, ainda que não com este nome. Mas o que dizer então da concepção de interpretação do próprio Lacan, ou seja, da interpretação concebida a partir de uma teoria que já dispõe do conceito de significante?

Roland Chemama, no seu artigo *Sobre a interpretação ou a prova pelo significante* argumenta que a proposição lacaniana “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” conduz a desdobramentos teórico-clínicos diversos no que concerne à interpretação. Assim, a leitura do algoritmo saussureano efetuada por Lacan, que inverte a ordem dos termos, colocando o significante sobre o significado, S/s, privilegiando o significante e conferindo um sentido à barra, propicia uma concepção da interpretação como revelação de um sentido oculto, conforme a definição de sintoma em *Função e campo da fala e da linguagem*: “O sintoma, aqui, é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito” (*Escritos*, p. 282). É importante observar que essa formulação de Lacan pertence à mesma linha da interpretação dita “clássica”.

Ainda segundo esse autor, o aforismo “o significante representa o sujeito para outro significante” abriria uma nova vertente ao acentuar o deslocamento metonímico de um significante a outro na cadeia. Diríamos ainda que a própria definição do significante como algo que *representa* e não que *significa* contribui para nos afastar ainda mais da busca de um significado. Se este último já era definido como um *efeito* do significante, agora ele foi retirado da própria definição do significante, que remete apenas ao sujeito, também seu efeito. O analista orientado segundo essa vertente não se situa mais no registro da busca do sentido, mas intervém na direção da similaridade sonora, da homofonia, daí a visão popular da interpretação lacaniana como um gosto pelo trocadilho. Chemama ressalta um problema decorrente dessa nova

abordagem: a questão do próprio deslizamento do significante na cadeia – “O percurso de significante em significante seria orientado? Na falta de significação, teria pelo menos um sentido, uma direção? Se este não for o caso, a análise não se arriscaria a se enfraquecer em um curso sem fim?” (Chemama, R., p. 206)

Bernard Vandermersch, no verbete “Corte” do *Dicionário de Psicanálise*, apresenta a leitura topológica da interpretação como um corte preciso na fita de Moebius, que a transforma, de superfície de uma só face em superfície biface. “É a interpretação que, longe de abolir, ‘realiza’ de algum modo o inconsciente, pela criação momentânea de duas faces. Sublinhar na fala do analisante uma homonímia, por exemplo, contanto que a escolha do significante seja pertinente, faz realizar pelo sujeito, ‘que nunca havia pensado nisso’, a existência de uma outra face do significante” (Vandermersch, B., p. 73). Retenhamos primeiramente desse comentário que o sentido não é simplesmente eliminado – é via o *non-sens* que se produz como efeito um *novo* sentido (uma nova face do significante). Porém, isso só pode se produzir *se a escolha do significante for pertinente*, ou seja, se o corte for operado no local preciso, a exemplo da fita de Moebius. Retornaremos mais adiante a essa noção de interpretação precisa.

Sabemos que Lacan apresenta no *Seminário 17, O Avesso da Psicanálise*, duas vertentes da interpretação, enquanto *citação* e enquanto *enigma*. Chemama lembra ainda a *escansão* operada por Lacan no *tempo* e os seus deslocamentos no *espaço*. A estas modalidades podemos acrescentar o *silêncio*. Acerca da citação, diz o mesmo autor, no verbete “Interpretação” do *Dicionário*, op. cit:

“O analista lembra, em determinado ponto do que o analisante pode dizer, uma outra palavra que ele pronunciou um pouco antes, um fragmento do discurso que tinha desenvolvido, uma lembrança que faz eco com aquela a que está se referindo. A ênfase é posta, nesse caso, não na significação de um termo isolado, mas nas correlações obrigatórias, que fazem com que, em uma vida, sejam repetidos os mesmos termos, as mesmas escolhas, o mesmo destino.” (In: Vandermersch, B., p. 204)

Aqui se trata de enfatizar a fala do analisante como fonte dos significantes que se deve interpretar e, ao mesmo tempo, mostrar a insistência na cadeia de determinados significantes, os quais representariam o sujeito. No que diz respeito ao enigma, estamos de volta à questão da recusa da fixidez do sentido, a preferência pela vertente da homofonia que provoca a sua suspensão, apresentando uma nova face do significante (conforme acima). Como no dito do oráculo que nunca constituía um sentido unívoco, mas *sinalizava*, na definição de Heráclito. O significante, por sua vez, não se limitaria à palavra ou ao fonema, pois quando Lacan forja o seu conceito de significante a partir de Saussure, ele vai além da definição saussureana da imagem acústica. Assim, ao falar sobre o significante no seu *Seminário 20, Encore*, ele traz o provérbio ou a locução, dando como exemplo a expressão “à beça” (*à tire-laringot*).

O *silêncio* comumente atribuído ao analista era na sua origem uma das formas da neutralidade preconizada pela IPA. Na sua versão lacaniana é comum se falar do silêncio como uma decorrência do lugar de *semblant* do objeto *a* ocupado pelo analista. Porém, ainda que isso não seja falso, creio que é possível falar um pouco mais sobre o silêncio. Entre outras coisas, que ele não deve ser tomado apenas sob a forma negativa (enquanto ausência de opinião ou recusa ao diálogo), mas como ato que devolve ao sujeito a sua questão ou que marca, destaca uma fala deste. Nesse sentido, ele é uma forma de intervenção que pode ser colocada sob a rubrica da interpretação. O que não ocorre quando ele é vulgarizado pela frequência. Se o

analista permanece em silêncio o tempo todo, isso quer dizer apenas uma omissão que pode conduzir a muita coisa, exceto a efeitos analíticos.

A *escansão*, que Chemama aponta como uma invenção de Lacan ao incidir sobre o tempo, se aplica também sobre a fala. Nesse caso, ela remete à materialidade da palavra, a *moterialité*, como dizia Lacan. Nesse sentido ela pode ser incluída na categoria do enigma. No que concerne à *escansão* no tempo, o autor se refere à conhecida prática de sessões curtas de Lacan, conhecidas entre nós brasileiros como “tempo lógico” (em referência ao famoso artigo, óbvio – os franceses são mais objetivos nesse ponto, e as chamam simplesmente de “sessões curtas”). Ao fazer do encerramento da sessão (que para a IPA era tão somente uma questão de horário) uma pontuação do significante, ele o promove a uma forma de interpretação.

O problema dessa modalidade é que, como ocorre com todas as inovações, a sua simples repetição corre o risco de se tornar um mero cacoete. Além disso, mesmo que não queiramos praticar sessões muito curtas, mas buscar encerrar as sessões destacando um significante importante, o problema não é menor. Todos nós sabemos que não é freqüente o analisante nos trazer um significante que mereça ser destacado depois de certo tempo transcorrido da sua sessão. O mais comum é cortemos a fala antes que ela possa se transformar num gozo. Por outro lado, para ser eficaz, o manejo do tempo pelo analista não deve ser necessariamente no sentido de encurtar a duração das sessões, mas pode ser também no sentido de *prolongá-las*. Penso num analisante obsessivo, que aprende a calcular o tempo da sua fala para durar justamente o tempo da sua sessão. Se o analista não encerra no tempo previsto, isso desconcerta a sua recitação repetitiva porque ele “não tem mais nada pra dizer”.

As intervenções de Lacan no espaço, que para Chemama são também formas de interpretação, trazem problemas ainda maiores. Sabemos que Lacan a partir de certo momento costumava adotar um estilo de se deslocar no espaço do consultório, a almoçar na sessão, etc. Nossos colegas que trabalham com crianças e psicóticos lembram que com estes o analista é convocado todo o tempo a sair da sua poltrona e a adotar uma postura mais ativa na sessão. Que Lacan tenha trazido tal prática para a análise de neuróticos adultos é realmente uma inovação, mas com risco similar ao mencionado acima, de se tornar um cacoete caso os discípulos tentem meramente imitá-lo.

No final dos anos 70/início dos anos 80 esse tipo de cacoete era dito “intervenção no real”. Afora o fato do conceito de real ser tomado aqui como mais próximo da *realidade*, não creio que tal prática tenha deixado algo digno de ser lembrado. Mais recentemente, vemos ressurgir a noção de trabalhar com o real – numa perspectiva mais rigorosa, vale dizer, tanto teórica quanto eticamente. Porém tão problemática quanto a primeira, quando nada pela idéia de um real instrumentalizado, com o qual se pode operar. Isso parece tanto mais estranho, quanto mais o real é, em Lacan, avesso a qualquer apreensão, muito menos a uma instrumentalização. O que seria esse trabalhar com o real?

A dúvida se esclarece quando conhecemos os exemplos fornecidos: vemos então que se trata de trabalhar como sempre foi feito, com a linguagem e o significante, só que agora adjetivados como “reais”. Mas em que a linguagem e o significante seriam reais? Por serem fora do sentido e, no caso do significante, fora da cadeia, nos dizem. Essa definição traz no mínimo duas contradições: primeiro, se o significante é definido, já no *Seminário 3, As psicoses*, como *aquilo que em si não significa nada*, tal propriedade seria de *todo e qualquer* significante, e não de um determinado tipo ou espécie de significante; segundo, se ele está “fora da cadeia”, como poderia

possibilitar relações de substituição e deslocamento, como aquelas que nossos colegas nos relatam? A não ser que existam metáforas e metonímias *reais*, o que seria uma contradição teórica em si. De qualquer maneira, sendo a psicanálise uma *práxis de tratamento do real pelo simbólico* (Lacan, *Seminário 11*, p. 14), localizar elementos reais no discurso não mudaria nada na intervenção do analista, até porque não haveria, até segunda ordem, um *tratamento do real pelo real*. Para tentar esclarecer estes impasses é necessário retomar o papel do significante na interpretação.

Tomemos um exemplo da clínica fornecido por Chemama. Seu analisante frequenta um ambiente onde convive com pessoas que ao mesmo tempo o fascinam e o amedrontam, dentre estas X, cujo sexo não é identificado e que aparece no seu sonho: “Encontra-se, então, com X, ocupado tranquilamente em conversar, quando este se precipita sobre ele e morde-lhe violentamente a garganta.” (Chemama, R., p. 208) Esse sonho vem reforçar para o paciente o medo que ele tem de X. A interpretação que o analista dá é: “*Você está mordido*”, o que provoca o seu riso e o reconhecimento do acerto da interpretação. Para um falante da língua francesa, “*Vous êtes mordu*” é uma expressão que significa “*Você está apaixonado*”. A expressão funciona como um significante que produz um novo sentido, o qual não substitui, mas vem se somar ao sentido de que X lhe causa medo.

Um outro exemplo, desta vez da minha clínica, retoma o significante enquanto provérbio. Uma analisante se queixava repetidamente da sua dificuldade em criar dois filhos com um salário há muito tempo sem aumento, enquanto seu ex-marido se recusava a aumentar o valor irrisório da pensão alimentícia. Até que o poder de compra de seu salário melhora um pouco e sua situação econômica se estabiliza momentaneamente. É quando ela fala na análise que está pensando em convidar o seu sobrinho, que vive no interior com a família, a vir morar em sua casa. Quando eu evoco um comentário recente seu sobre as dificuldades financeiras, ela se engaja numa argumentação sobre como criar o seu sobrinho não vai lhe trazer problema algum. Percebo o erro da minha intervenção, que a confrontou com uma contradição, e para que a sessão não se encaminhe para uma discussão, uma situação dual, silêncio.

Quando ela nota que o analista não responde a sua argumentação, muda de assunto e conta que no dia anterior foi buscar uma pasta de documentos em casa de uma colega de trabalho. Esta a recebeu na porta e desculpou-se por não convidá-la a entrar e cumprimentá-la à distância, porque todos na sua família haviam contraído sarna e a casa estava contaminada. Sua pasta, porém, estava desinfetada. Ela se despede, porém, em casa, se pergunta se mesmo não tendo entrado na casa da colega não poderia ter contraído sarna. Afinal, ela sente umas coceiras. É quando eu lhe pergunto se está “*procurando sarna para se coçar*”. É o suficiente para que ela receba o provérbio com o riso e fale sobre a dificuldade que estava prestes a criar para si.

O que há de comum nessas duas intervenções é o recurso a uma expressão pronta proveniente desse tesouro dos significantes que é a cultura dita popular. Chemama comenta que a locução ou o provérbio não podem ser transformados, modificados, mas que “Uma tal expressão constitui um todo que dificilmente entraria num conjunto mais vasto (...)”. Ela não pode ser modificada, dividida ou substituída por outra equivalente, sob pena de perder o seu efeito.

No *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (p.236-237), Lacan comenta o que poderíamos chamar de os limites da interpretação. Trata-se de uma citação um

tanto longa, mas muito importante porque ele toma posição a respeito da deriva do significante e das suas conseqüências, postulando que a interpretação produz um significante *irredutível*.

“(…) é falso dizer que a interpretação, como se escreveu, está aberta a qualquer sentido, sob pretexto de que só se trata da ligação de um significante a um significante e, conseqüentemente, uma ligação louca. A interpretação não está aberta a todos os sentidos. É conceder àqueles que se levantam contra os caracteres incertos da interpretação analítica dizer que todas as interpretações são possíveis, o que é propriamente um absurdo. Não é porque eu disse que o efeito da interpretação é isolar no sujeito um coração, um *kern*, para exprimir como Freud, de *non-sense*, que a interpretação ela mesma é um não-senso.

A interpretação é uma significação que não é não importa qual. Ela vem aqui no lugar do *s*, e reverte a relação que faz com que o significante tenha por efeito, na linguagem, o significado. Ela tem por efeito fazer surgir um significante irredutível. É preciso interpretar no nível do *s*, que não é aberto a todos os sentidos, que não pode ser não importa o quê, que é uma significação, apenas aproximada, sem dúvida. (...)

A interpretação não é aberta a todos os sentidos. Ela não é de modo algum não importa qual. É uma interpretação significativa, e que não deve faltar. Isso não impede que não seja essa significação que é, para o advento do sujeito, essencial. O que é essencial é que ele veja, para além dessa significação, a qual significante – não-senso, irredutível, traumático – ele está, como sujeito, assujeitado.”

Lacan responde de forma inequívoca à questão acerca do que, na interpretação, detém o deslizamento metonímico do significante. Ao inverter o algoritmo do signo, ela não pode ser aberta a todos os sentidos, mas produz um significante *irredutível*. Aqui ele antecipa a noção do significante S_1 como produção do discurso psicanalítico, que só será possível de ser teorizada cinco anos mais tarde, no *Seminário 17, O avesso da psicanálise*. O que Lacan deixa claro aqui é que o significante avesso ao sentido, que não se presta à metáfora e à metonímia, não seria aquele sobre o qual incide a interpretação, mas aquele que é *produzido* por ela. Tal significante não se produz uma única vez numa análise, mas no seu próprio curso desta se produzem significantes que aproximam-se cada vez mais daqueles que representam o sujeito.

Referências:

CHEMAMA, Roland. Sobre a interpretação ou a prova pelo significante. In: _____. *Elementos lacanianos para uma psicanálise do cotidiano*. Porto Alegre: CMC, 2002.

CHEMAMA, Roland. Interpretação. In: CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2007.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois tipos do funcionamento psíquico. [1911] In: *Sigmund Freud – Obras Completas, vol. 10* (trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. [1900] In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud, vols. IV e V*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

FREUD, Sigmund. A psicopatologia da vida cotidiana. [1901] In: *E. S. B.*, Op. Cit, vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Construções em análise. [1937] In: *E. S. B.*, Op. Cit., vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 3, As psicoses* [1955-1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação* [1958-59]. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002. Edição para uso interno, sem fins comerciais.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1979.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* [1969-70]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

VANDERMERSCH, Bernard. Corte. In: CHEMAMA, R. e VANDERMERSCH, B. *Dicionário... Op. cit*